



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

EXPOSIÇÃO DE ARTE-ARQUEOLOGIA: ARTEFACTOS DO DESCARTE

Pedro da Silva¹, Inês Moreira²

RESUMO

Este trabalho explora a arte-arqueologia, uma prática transdisciplinar que une arqueologia e arte contemporânea, através da análise de literatura internacional e estudos de caso portugueses. Focamos na exposição “Artefactos do Descarte”, que questiona a definição de artefacto arqueológico e explora a história e cultura material humana através de objetos descartados. Como que por sinais do maravilhoso, o público poderá, durante esta exposição, aprender sobre as arqueologias da presença, sobre a curadoria em arte-arqueologia e como esses conceitos são aplicados na teoria e prática arqueológica. Através deste caso de estudo reflexivo, pretendemos contribuir para a compreensão da arte-arqueologia enquanto uma disciplina que deve ser expandida para novas direções no campo da produção de conhecimento adaptado ao século XXI.

Palavras-Chave: Arte-arqueologia; Curadoria; Artefactos do descarte; Proto-História; Lixo.

ABSTRACT

This work explores art-archaeology, a transdisciplinary practice that unites archaeology and contemporary art, through the analysis of international literature and Portuguese case studies. We focus on the exhibition “Artifacts of Discard”, which questions the definition of archaeological artifact and explores human material history and culture through discarded objects. As if by signs of the wonderful, the audience will be able to learn about the archaeologies of presence, about curating in art-archaeology and how these concepts are applied in archaeological theory and practice during this exhibition. Through this reflective case study, we aim to contribute to the understanding of art-archaeology as a discipline that should be expanded to new directions in the field of knowledge production adapted to the 21st century.

Keywords: Art-archaeology; Curating; Artifacts of discard; Proto-History; Waste.

1. INTRODUÇÃO

No alvorecer do século XXI, presenciamos uma metamorfose na relação entre a cultura contemporânea e o nosso legado histórico. Esta mudança é expressa, em grande parte, pela transformação de locais, outrora dominados pela indústria e, entretanto, abandonados e entregues ao esquecimento, em espaços culturais vibrantes e cheios de vida. A expressão mais emblemática desta tendência é, sem dúvida, Chernobyl – um local marcado pelo estigma de uma catástrofe nuclear, agora reinterpretado e reutilizado como um local de memória coletiva e individual (Moreira, 2019). Este fenómeno estende-se para além dessas fronteiras da catástrofe. Cidades como

Tallinn e Porto também são palco desta mudança, transformando os seus espaços industriais obsoletos em palcos de cultura, arte e memória. Nestas práticas pós-nostálgicas, como são exploradas por Moreira (2020) e Aneta Szyłak, desafia-se a conceção tradicional de património, propondo uma reinterpretação e reutilização do “lixo” industrial como um artefacto de importância cultural.

Outra tendência emergente no contexto dessas práticas pós-nostálgicas é a devolução de artefactos antropológicos e etnográficos mantidos em reservas ocidentais aos seus países de origem. Estas iniciativas, muitas vezes impulsionadas por ex-colónias, que procuram reaver a sua herança material, são um passo importante no reconhecimento e re-

1. CEAACP/FCT / pedrofsilva.23@gmail.com

2. CEAA/ESAP / inexmoreira@gmail.com

paração das injustiças históricas e culturais. Esta reconfiguração das relações entre museus, objetos e comunidades originais reafirma a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva do património cultural e da arqueologia. Tais movimentos ilustram a ampla gama de práticas pós-nostálgicas em ação, demonstrando que elas atravessam vários domínios e períodos históricos.

Neste contexto brotou, pela prática curatorial, uma nova relação entre a arte contemporânea e a arqueologia (Silva & Moreira, 2022). Este encontro fértil possibilita que arqueólogos e artistas se aventurem em terrenos desconhecidos, onde possam questionar, de forma especulativa, criativa e performática, as metanarrativas cristalizadas no setor cultural. Este é precisamente o âmbito da curadoria em arte-arqueologia, uma prática que se propõe a questionar, entre outras, a definição de artefacto arqueológico através de um olhar artístico e crítico. E é neste contexto que se insere esta nossa exposição de arte-arqueologia, enquanto atividade do IV Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Doutoramento em Arqueologia na FLUC, financiado por bolsa CEAACP/FCT UI/BD/151198/2021. Propomos, aqui, redefinir a compreensão da proto-história da região Norte de Portugal, prestando atenção aos vestígios que, até então, eram descartados e classificados como “lixo” pela arqueologia. Através do projeto “Arqueologias da Presença em Passados Simulados”, exploramos estes artefactos do descarte, considerando-os não como resíduos, mas sim como um manancial rico de histórias e cultura.

Na exposição “Artefactos do Descarte”, lançamos um olhar crítico sobre a essência do artefacto arqueológico, desafiando o seu significado e valor na interseção da arte contemporânea com a arqueologia. O objetivo deste trabalho para o IV CAAP é expandir os horizontes do conhecimento em arte-arqueologia, contribuindo para uma nova compreensão da história e da cultura material humana, em particular no que se refere aos objectos e espaços que são frequentemente descartados e esquecidos. No atual cenário arqueológico, surgiu a necessidade de explorarmos novos métodos que desafiam os paradigmas tradicionais. A Arte-Arqueologia, uma prática que combina a produção artística contemporânea com a investigação arqueológica, surge como uma dessas alternativas. Analisaremos, então, a exposição “Artefactos do Descarte”, que representa

uma inovação dentro deste campo, aliando o descarte humano à arqueologia.

2. DESCARTE, OU A NATUREZA HUMANA

O descarte, essa atividade universalmente humana, assume uma nova dimensão quando entendido através da lente da teoria do emaranhamento de Ian Hodder (2012). Este processo, mais do que um mero ato de eliminação de materiais indesejados, constitui um ato social e simbólico, moldando e refletindo a nossa relação com o mundo material. Os artefactos descartados não são simplesmente objetos isolados; na verdade, estes integram redes complexas de relações sociais, materiais e temporais (Olsen, 2013). As tecnologias e práticas empregadas na produção, uso e descarte desses objetos, juntamente com os sistemas socioeconómicos que os valorizam ou desvalorizam, constituem o emaranhado pelo qual tais objetos são inseparáveis. A visão de Tim Ingold sobre a vida, conforme apresentada em “Being Alive” (2011), serve também para fortalecer ainda mais este argumento. O autor defende que a vida é um processo contínuo de entrelaçamento, uma intrincada rede de relações materiais e imateriais. Essa perspetiva, aplicada ao nosso entendimento do descarte, implica que cada objeto descartado é parte integrante de uma história maior, um elemento numa teia de relações que definem as nossas vidas. O descarte é, assim, um ato que tem tanto que ver com quem somos como indivíduos quanto com a sociedade e o sistema político em que vivemos.

O conceito de descarte humano, usualmente percebido como “lixo”, é recontextualizado na Arte-Arqueologia, tornando-se numa fonte de informação sobre o passado e o presente. A exposição “Artefactos do Descarte” explora esta temática, enfatizando o valor intrínseco dos artefactos descartados e a narrativa oculta que carregam consigo. De acordo com a teoria do prémio Nobel de Economia, o psicólogo Daniel Kahneman (2011), as pessoas têm uma tendência natural para evitar perdas em detrimento de obter ganhos (Silva, 2022a). Rodney Harrison (2011) transferiu heurísticamente estas observações para o campo da arqueologia e do património, argumentando que a preservação do *status quo* do património cultural é muitas vezes percebida como superior à sua perda ou substituição. Contudo, Harrison também propõe uma visão alternativa, que vê as pessoas ou os seus objetos de património

como algo persistente e em constante transformação, permitindo uma visão mais dinâmica do património cultural. Este enfoque permite-nos tratar os artefactos descartados não como objetos sem valor, mas como indicadores de transformações culturais contínuas. Tais objetos, outrora considerados “lixo” do passado, são vistos como narrativas ocultas que revelam mudanças ou continuidades nas sociedades ao longo do tempo. Este reconhecimento reforça a ideia de que a arqueologia não se limita a recuperar o passado, mas a interpretar tais mudanças ou continuidades que ocorrem ao longo do tempo e as suas implicações na sociedade contemporânea.

3. “LIXO” DO PASSADO, “LIXO” DO PRESENTE: NARRATIVAS OCULTAS NOS ARTEFACTOS DESCARTADOS

A recontextualização do “lixo” em narrativas significantes não é nova na relação entre a arte contemporânea e a arqueologia. Na verdade, Michael Shanks (1992), por exemplo, tinha já salientado o potencial da arqueologia para trazer à tona as histórias escondidas em objetos quotidianos, enquanto o artista Mark Dion (1999) explorou repetidamente a ideia do “lixo” como um artefacto com valor histórico e social nas suas instalações expositivas (Silva & Moreira, 2022). Ao analisarmos o “lixo” do passado e do presente através do prisma da arqueologia, a exposição “Artefactos do Descarte” procura questionar o que consideramos valioso e o que descartamos, e como essas decisões refletem as nossas crenças, valores e narrativas culturais (muitas delas cristalizadas desde o séc. XIX). Simultaneamente, procura oferecer a oportunidade de reexaminar e reinterpretar estes artefactos descartados, abrindo caminho para novas compreensões do nosso passado e presente.

Dentro desta perspetiva de recontextualização e ressignificação de artefactos descartados, é importante destacar o documentário “Lixo Extraordinário” (2010), dirigido por Lucy Walker, Karen Harley e João Jardim. O filme segue o percurso do artista brasileiro Vik Muniz numa colaboração artística com catadores de materiais recicláveis do Jardim Gramacho, um dos maiores aterros sanitários do mundo, situado no Rio de Janeiro. “Lixo Extraordinário” apresenta uma reflexão profunda sobre a percepção do que é descartado e a potencialidade da sua transformação. Muniz trabalha com os catadores para criar retratos a partir dos próprios resíduos que recolhem, ressignificando

o “lixo” através de um processo criativo que simultaneamente denuncia as condições sociais precárias dos trabalhadores e confere dignidade e reconhecimento ao seu trabalho. Este documentário exemplifica de forma vibrante como a arte transforma a percepção social sobre o que é considerado descarte, refletindo uma abordagem similar à que a exposição “Artefactos do Descarte” procurou adotar. O “lixo” não é apenas um objeto sem valor a ser eliminado, mas um meio para explorar narrativas ocultas, questionar paradigmas estabelecidos e promover reflexões sobre a nossa relação com o consumo.

A incorporação de artefactos descartados para explorar o passado vai além do “lixo” do presente, estendendo-se também ao “lixo” do passado. Neste contexto, a cerâmica comum da proto-história ocupa um lugar na exposição “Artefactos do Descarte”. Frequentemente, nos estudos arqueológicos, esta cerâmica, apesar de ter sido produzida e utilizada pela generalidade das sociedades antigas, é ofuscada pela cerâmica considerada de “luxo”, associada a uma elite. Esta curiosidade é reflexo de um viés de valor que muitas vezes permeia as interpretações do património e da história, onde os objetos do quotidiano são negligenciados em prol dos considerados mais “valiosos” ou “raros”. Como que por sinais do maravilhoso, esta exposição argumenta que é precisamente essa cerâmica comum que nos pode fornecer as reflexões mais relevantes sobre a maioria das sociedades antigas (Hodder, 2012). Michael Shanks (1992) defendeu que a arqueologia tem um papel fundamental em desvendar as histórias ocultas contidas nos objetos do quotidiano. De forma complementar, a Arte-Arqueologia propõe uma reinterpretação e reutilização destes artefactos descartados como meios para explorar narrativas ocultas e questionar paradigmas estabelecidos. Esta é uma prática pós-nostálgica que encoraja o público a interpretar estes artefactos de forma individual e coletiva, possibilitando um processo educativo. O público é convidado a refletir sobre o que estes objetos representavam para as pessoas que os criaram e utilizaram, e como essa representatividade mudou ao longo do tempo. Como é que objetos do passado nos definem no presente? Quais são as metanarrativas políticas estabelecidas? Como conceber uma viagem contemporânea através de um passado desconhecido? Esta ressignificação e reutilização do “lixo” histórico, ou cerâmica ‘comum’, não apenas desafia as normas convencionais de exibição de

artefactos arqueológicos, como também incentiva um questionamento crítico sobre como definimos “valor” e “descarte”. Tal como aquele “lixo” do presente encontrado nas ruas da cidade do Porto, por sua vez recriado pelo coletivo artístico Pedra no Rim em peças de cerâmica, o “lixo” do passado pode ser reinterpretado para revelar aspetos significativos da nossa história cultural e social (Gell, 1998; Latour & Woolgar, 1979), assim como mapear assentamentos proto-históricos.

4. A EXPOSIÇÃO “ARTEFACTOS DO DESCARTE”

Em 2022, Portugal assistiu ao nascimento de um novo gabinete de curiosidades pela Universidade de Coimbra. Embora o projeto tenha suscitado alguma preocupação entre académicos da arqueologia e da museologia (Roque, 2022), não há dúvida de que a sensualidade do novo museu tem despertado a curiosidade de muitos. Encaramos este peculiar evento como uma oportunidade para ser visitada uma coleção mais instrutiva sobre o passado e presente humano. Utilizando a paisagem proto-histórica como pano de fundo, a exposição “Artefactos do Descarte” procura questionar o impacto das exposições de lixo antigo e suas narrativas elitistas na sociedade contemporânea. Tal como nas imersões em (re)construções virtuais de sítios arqueológicos (Silva, 2022b), as perspetivas comunitárias sobre lugares, o seu ambiente construído e construções simbólicas são traduzidas em várias narrativas, promovendo sentimentos democráticos e pacíficos em relação a um património que é coletivo. Este ofício funciona então como uma chave que abre portas para a promoção de diálogos que vão além do cognitivo, ativando conhecimentos sensoriais, emocionais e afetivos – ou sinestesias, como que por uma simulação do passado (Silva, 2021). Esta proposta curatorial consistiu num novo projeto criativo que expõe artefactos criados no âmbito dessa arte-arqueologia. Isto é, esta exposição formula as seguintes questões expositivas: por que foram estes objetos descartados? Que novos usos e significados podem ser encontrados para eles hoje? A resposta a estas perguntas ultrapassa a simples contemplação do objeto, conduzindo a uma compreensão mais profunda da cultura material como reflexo constante das transformações socioculturais (Brown, 2001; Appadurai, 1986).

As designadas cerâmicas ‘comuns’ originárias de sítios

proto-históricos no norte de Portugal, ocupam um lugar central na exposição “Artefactos do Descarte”. Longe de serem meros utensílios utilitários, estas peças de cerâmica constituem um testemunho vivo do quotidiano das comunidades antigas em sítios sem qualquer contaminação material de época clássica. Em contraste com as metanarrativas histórico-culturalistas, que frequentemente se focam em artefactos de “luxo” como indicadores de civilização e progresso, a inclusão desta cerâmica ‘comum’ na exposição pública oferece uma oportunidade para explorar as narrativas ocultas da vida quotidiana, da subsistência e das interações humanas. O trabalho do coletivo artístico “Pedra no Rim” e do artista plástico João Gomes Gago oferece uma perspetiva contemporânea que amplia e aprofunda essa discussão que é iniciada pelas cerâmicas proto-históricas. Enquanto os “Pedra no Rim” exploram a reutilização e ressignificação de materiais descartados na produção das suas cerâmicas, João Gomes Gago desafia os limites tradicionais da arte e da arqueologia, experimentando diferentes materiais e técnicas para criar obras que ressoam com o passado e com o presente. No seu ofício, estes artistas adotam uma abordagem que podemos considerar enquanto especulação artística, por si alvo de especulação arqueológica (Silva & Moreira, 2022). Isto é, não apenas refletem sobre os materiais que utilizam, mas também sobre o que esses materiais representam – as histórias, culturas e vidas que eles carregam consigo.

Tal como as cerâmicas ‘comuns’ da proto-história, as peças criadas por estes artistas desafiam os pressupostos de valor, utilidade e significado, convidando o público a explorar narrativas ocultas e a questionar os paradigmas estabelecidos. Esta abordagem está em linha com a teoria de Appadurai (1986) sobre a vida social das coisas, onde os objetos são vistos não apenas como coisas inanimadas, mas como participantes ativos nas relações sociais. A arte-arqueologia é, então, caracterizada como um meio termo entre a arte e a arqueologia, representando um movimento transdisciplinar que permite a reinterpretação dos artefactos e a reconfiguração das suas narrativas (Silva & Moreira, 2022). A performer Ana Rocha e o artista plástico João Gomes Gago exemplificam esta relação no seu trabalho especulativo artístico para com o sítio arqueológico do Monte Ovil, e que pelo qual o coletivo artístico ‘Pedra no Rim’ alimenta a especulação arqueológica do mesmo. Em vez de serem privilegiadas as narrativas de superioridade, impli-

tamente expressas em objetos luxuosos, esta exposição convida os visitantes a refletirem sobre a diversidade e a complexidade das experiências humanas na proto-história, tal como na contemporaneidade. Ao colocarmos estas obras contemporâneas em diálogo com as cerâmicas proto-históricas na exposição “Artefactos do Descarte”, conseguimos simular um espaço de reflexão sobre a contínua interação entre passado, presente e futuro. Este diálogo sublinha a relevância contínua da arqueologia e da arte na exploração e compreensão do nosso mundo – uma exploração que não é apenas de objetos, mas de significados, relações e experiências. Assim, a exposição destaca a importância da especulação e da interpretação na ressignificação do passado e na construção do presente e do futuro. Esta exposição exhibe registos arte-arqueológicos que são simultaneamente artefactuais e conceptuais. Através de uma série fotográfica artística de Rudi Navarro, a exposição considera o registo arqueológico da materialidade cerâmica e a sua posição no contexto ambiental e político contemporâneo. Isto é, enquanto os visitantes entram na exposição e observam os registos científicos, vão-se deparar com um doloroso armário recheado de objetos de cerâmica que foram criados a partir de moldes de lixo humano encontrado nas ruas da cidade do Porto, assim como páginas pintadas de um diário de escavação para os mais curiosos espreitarem e decifram... Esta exposição desafia os paradigmas e narrativas que persistem entre as elites europeias, convidando os visitantes a explorar as maravilhas que a democratização do conhecimento arqueológico do século XXI oferece: práticas pós-nostálgicas, resiliência e a libertação de artefactos e sítios arqueológicos e/ou históricos institucionalizados.

5. AS ARQUEOLOGIAS DA PRESENÇA EM PASSADOS SIMULADOS

Os passados simulados nesta exposição não se limitam a recriações factuais do passado, mas exploram a reinterpretação e a simulação do mesmo através de diferentes médiuns artísticos (Vidal, 2021), ou espectros da vida contemporânea. Estas interpretações convidam, de forma irremediável, os visitantes a mergulhar em múltiplas visões sobre o seu passado, fornecendo uma variedade de perspetivas democráticas sobre a cultura material das sociedades antigas. A exposição “Artefactos do Descarte” desafia, assim, as fronteiras tradicionais da arqueologia

ao incluir não apenas artefactos proto-históricos, tais como a cerâmica ‘comum’, mas também as criações contemporâneas do artista plástico João Gomes Gago, do coletivo artístico “Pedra no Rim” e da performer Ana Rocha. Nesta proposta, o conceito de “passados simulados” ganha um papel central. Defendemos que a ideia de passados simulados é uma abordagem inovadora que se baseia na interseção entre a arqueologia e a arte contemporânea. Esta abordagem é evidenciada no trabalho de Elizabeth Poraj-Wilczynska, que explora o sentido de lugar em Belas Knap Neolithic long barrow, na Inglaterra, através da criação de arte que visa conectar a experiência sensorial da arqueologia, memória e cultura (Poraj-Wilczynska, 2023). Este conceito também é explorado na arte e arqueologia na Letónia, onde a relação entre as duas disciplinas tem sido historicamente desenvolvida, coexistido e influenciado uma à outra desde o século XIX (Broka-Lāce, 2022).

João Gomes Gago, com o seu trabalho artístico contemporâneo, conecta o passado e o presente, trazendo um novo olhar para a cerâmica proto-histórica. Ele dialoga com o passado, mas através de uma perspetiva do século XXI, criando uma ponte entre o tempo histórico e a contemporaneidade. O coletivo “Pedra no Rim” segue uma linha similar, trabalhando com materiais descartados e recriando-os em novas formas artísticas. Este processo de transformação de “lixo” em arte questiona o conceito de valor e reinterpreta o significado dos objetos do dia-a-dia, fornecendo uma reflexão crítica sobre a cultura de consumo da nossa sociedade e, em particular, da vida na cidade do Porto. Por último, a performer Ana Rocha, através das suas intervenções, coloca o corpo humano como um meio de expressão e comunicação com o passado. O seu trabalho exemplifica como os passados simulados são construídos não apenas através de objetos físicos ou virtuais, mas também através de performances que criam experiências vivas e imediatas. Este trabalho ressalta a importância da experiência sensorial na construção de conexões com o passado e sugere que a arte e a arqueologia podem trabalhar juntas para criar experiências imersivas que vão além da simples observação de artefactos (Silva, Moreira & Duarte, 2023).

Assim, esta nossa exposição propõe um diálogo crítico e uma reflexão sobre o conceito de passados simulados. Os objetos, artefactos e performances apresentados nesta exposição questionam o que significa “arqueologia” e desafiam as perceções tradicionais

de como o passado é representado e entendido hoje. Esta exploração dos passados simulados ajuda a criar, ainda, uma compreensão mais rica e complexa do passado, onde múltiplas perspectivas e interpretações devem coexistir. Desafiando os paradigmas tradicionais da arqueologia e levantando questionamentos acerca da materialidade do passado e o seu impacto na contemporaneidade, o visitante é imerso numa experiência sensorial e reflexiva, promovendo o diálogo crítico sobre as metanarrativas políticas estabelecidas na arqueologia (Coombes, 2017).

6. CONCLUSÃO

Defendemos que a exposição “Artefactos do Descarte” é um marco no campo da Curadoria em Arte-Arqueologia. Ao repensarmos o papel do descarte humano na narrativa arqueológica e dar voz a narrativas muitas vezes marginalizadas, a exposição impulsiona a democratização do conhecimento arqueológico, ao debate político sobre a escolha de lixo da elite para a exposição antropológica e abre portas para novas abordagens no campo da museologia e da arqueologia (Holtorf, 2015). Esta desafia as narrativas convencionais e os paradigmas estabelecidos, trazendo para a frente uma nova maneira de entender e interpretar o passado e o presente, através de artefactos aparentemente comuns, mas enquanto descartes humanos. A exposição também se alinha com tendências recentes na musealização do património arqueológico que enfatiza a importância da visualização e da comunicação de imagens na popularização da arqueologia (Bruno, 2014; Markiewicz, 2023). Além disso, pretendemos, com esta exposição, refletir e chamar a atenção para uma mudança mais ampla na forma como os museus de arqueologia estão a começar a promover ações colaborativas de amplo espectro. Este novo movimento envolve as comunidades em estudos de coleções, nas exposições, na conservação preventiva e mesmo na produção de políticas de gestão das coleções (Cury & Bombonato, 2022; Marandino, Kauano & Martins, 2022). O catalisador desta exposição reside no repensar do papel dos resíduos humanos na narrativa arqueológica. Ao fazê-lo, esta mostra tem a audácia de dar voz a narrativas que muitas vezes são marginalizadas ou ignoradas, oferecendo um novo entendimento da vida quotidiana do ser humano. Pretendemos, com esta abordagem, contribuir para uma maior democratização do conhecimento arqueológico, permi-

tindo que mais pessoas se relacionem e se envolvam com o passado de uma maneira mais íntima e pessoal. Para além disso, ao facilitarmos o debate político sobre a seleção do lixo da elite para a exibição em contextos antropológicos, esta exposição questiona valores e premissas subjacentes que muitas vezes governam a forma como interpretamos e representamos o passado. A partir desta exposição, argumentamos ainda que todas as partes da vida quotidiana, mesmo aquelas que são muitas vezes esquecidas ou descartadas, têm um valor significativo e fornecem uma riqueza de informações sobre os formatos de viver e interagir em comunidade.

Finalmente, pretendemos que a exposição abra portas para novas abordagens no campo da museologia, da arqueologia e da arte contemporânea. Defendemos que estas representam uma mudança do foco em narrativas de ‘grandeza’ para uma atenção mais centrada nas pequenas histórias do dia-a-dia, oferecendo uma nova perspectiva que é tanto inclusiva quanto reveladora (desde cronologias antigas, como aquelas da designada ‘proto-história’ quanto como da contemporaneidade). Ao darmos espaço à reutilização e ressignificação de materiais descartados, propomos uma reinterpretação crítica do valor atribuído aos artefactos e às histórias que eles representam. Aqui, a arte e a arqueologia fundem-se, criando uma poderosa ferramenta para examinar e questionar a forma como interpretamos e valorizamos o passado e o presente. Ao fazê-lo, esta exposição destaca o imenso potencial que a curadoria em arte-arqueologia tem para repensar e (re)imaginar as narrativas que contamos sobre o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Conceição Lopes (CEAACP/FLUC) pela orientação do autor doutorando, destacando o debate sobre a obra artística de Vik Muniz “Lixo Extraordinário”; à doutoranda Viviane Santos (CEAACP/FCP/FCT) pela revisão do texto; à Professora Doutora Maria Cristina Bruno (Universidade de São Paulo), pela revisão do projeto de curadoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun (1986) – *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BROKA-LĀCE, Zanta (2022) – *Archaeology and Art in Latvia*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/365295981_ARCHAEOLOGY_AND_ART_IN_LATVIA.
- BROWN, Bill (2001). *Thing theory*. Critical Inquiry, 28(1), pp. 1-22.
- BRUNO, Maria. C. O. (2014) – *Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos*. Revista de Arqueologia, 26(2), pp. 04-15.
- COOMBES, Annie (2019) – *Museums and the formation of national and cultural identities*. Oxford: Oxford Bibliographies in Art History.
- CURY, Marília Xavier & BOMBONATO, Renata Rodrigues (2022) – *Representation and Self-representation*. Museum Worlds, 10(1).
- DION, Mark (1999) – *Mark Dion: Archaeology*. London: Black Dog Publishing.
- GELL, Alfred (1998) – *Art and agency: An anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press.
- HARRISON, Rodney; *Surface assemblages. Towards an archaeology in and of the present*. Archaeological Dialogues, 18(2), pp. 141-161.
- HODDER, Ian (2012) – *Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- HOLTORF, Cornelius (2015) – *Averting loss aversion in cultural heritage*. International Journal of Heritage Studies, 21(4), pp. 405-421.
- INGOLD, Tim (2011) – *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge.
- KAHNEMAN, Daniel (2011) – *Thinking, Fast and Slow*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve (1979) – *Laboratory life: The construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press.
- MARANDINO, Martha; KAUANO, Renata & CONRADO MARTINS, Luiz (2022) – *Paulo Freire, Educação, Divulgação e Museus de Ciências Naturais: relações e tensões*. Cadernos De Sociomuseologia, 63(19), pp. 91-103.
- MARKIEWICZ, Małgorzata (2023) – *Image communication and contemporary visualisation in the popularisation of archaeology*. Studia Archaeologica, 74(2).
- MOREIRA, Inês (2019) – *Two Extremes at the European Peripheries: Baltic and Iberian post-industrial cultures*. NOTES ON EUROPE. The Dogmatic Sleep. Proceedings, pp. 29-31
- MOREIRA, Inês (2020) – *Post-nostalgic Knowings*. Porto: Ágora-Empresa Municipal.
- OLSEN, Bjørnar (2013) – *Reclaiming Things: An Archaeology of Matter*. In *Reclaiming Archaeology: Beyond the Tropes of Modernity*. London: Routledge.
- PORAJ-WILCZYNSKA, Elizabeth (2023) – *Sensing the Past: An Exploration of Art and Archaeology*. Design/Arts/Culture, 3(1), pp. 80-88. Disponível em: <https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/DAC/article/view/31358>.
- ROQUE, Maria Isabel (2022) – *Um gabinete de curiosidades e muitas outras perplexidades*. Disponível em <https://amuse-arte.hypotheses.org/9095>.
- SHANKS, Michael (1992) – *Experiencing the past: on the character of archaeology*. London: Routledge.
- SILVA, Pedro & MOREIRA, Inês (2022) – *Curadoria em arte/arqueologia: processos de proto e pós-escavação*. MIDAS, N 15. Disponível em <https://doi.org/10.4000/midas.3574>.
- SILVA, Pedro (2021) – *Arqueologia e Simulação: contributo para um debate sobre a realidade*. Antrope, N 13, pp. 239-251.
- SILVA, Pedro (2022a) – *Morte na Bruma – Um Arquivo Ciberarqueológico de Metanarrativas*. O Ideário Patrimonial, N 16, pp. 39-61.
- SILVA, Pedro (2022b) – *The Archaeological Simulation: Blending Times and Time Travel Through Metaverse?* (IN)TANGIBLE HERITAGE(S) – A conference on design, culture and technology – past, present and future (AMPS Proceedings Series 29.2.), pp. 427-435.
- SILVA, Pedro; MOREIRA Inês & DUARTE, Beatriz (2023) – *Curating Art/Archaeology: Excavating Through/With Material and Artistic Performativity*. TURBA, Volume 2, Issue 1, pp. 32-45. Disponível em: <https://doi.org/10.3167/turba.2023.020103>.
- VIDAL, Carlos (2021) – *As quatro invisualidades*. Lisboa: Edições do Saguão.
- WALKER, Lucy; HARLEY, Karen & JARDIM, João (2010) – *Waste Land [Lixo Extraordinário]*. Almega Projects, O2 Filmes.

SOBRE OS AUTORES

Pedro da Silva é arqueólogo, Doutorando Bolseiro FCT em Arqueologia na FLUC (UI/BD/151198/2021). É Investigador Integrado no Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). Licenciado e Mestre em Arqueologia (FLUP). Colaborou com os serviços administrativos da Fundação de Serralves e teve apoio de diversas instituições para desenvolver a sua investigação, nomeadamente a Universidade da Basileia (2015-2018), a C.M. Santa Maria da Feira (2017) e o Instituto Arqueológico Alemão de Madrid (2016); É membro da equipa editorial da Revista “Kairós – Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património”; Trabalha novos mecanismos de transmissão de conteúdo científico e desenvolve modelos interpretativos pela curadoria em arte-arqueologia para a exposição do conhecimento arqueológico para o público geral.

Inês Moreira é curadora, docente universitária e Investigadora Auxiliar no CEAA/ESAP. Doutora em Curatorial/Knowledge (Goldsmiths University of London), Mestre em Cultura Urbana (UPC/CCCB) e Arquitecta (FAUP). Concluiu Pós-Doutoramento em História da Arte (NOVA-FCSH), onde criou o Cluster Curating the Contemporary: on Architectures, Territories and Networks (2018-2022). Foi Investigadora Principal em Artes Visuais (Lab2PT - Universidade do Minho). Foi Professora Auxiliar Convidada na FBAUP (2014-22) e assistente convidada na FLUP (2007-10); editora do Jornal Arquitectos, com Paula Melâneo (2015-19). Foi programadora de arquitectura em Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura (2010-12) e coordenadora de Gabinete no Instituto das Artes do Ministério da Cultura (2003-05).



Figura 1 – Estudos de Dário – João Gomes Gago. Fotografia de João Gomes Gago, 2023.



Figura 2 – Cuecas de Prostituta – Pedra no Rim. Fotografia de Rudi Navarro, 2022.

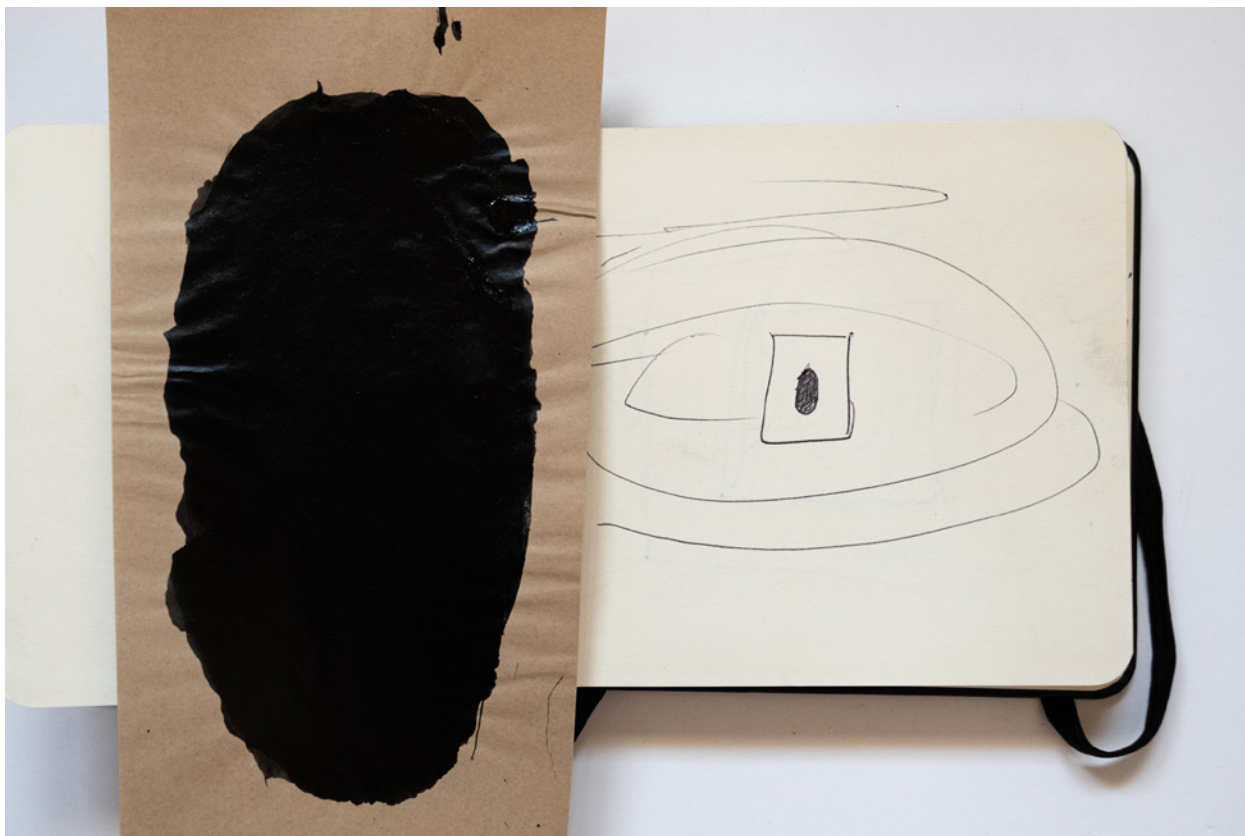


Figura 3 – Registo de Continuidade – João Gomes Gago. Fotografia de João Gomes Gago, 2023.



Figura 4 – Registo de Divergência – João Gomes Gago. Fotografia de João Gomes Gago, 2023.



Figura 5 – Take-over ao Monte Ovil com performance de Ana Rocha. Fotografia de Beatriz Duarte, 2022.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UL
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**